

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO: anno (30 n.ºs) 1\$000 rs.; semestre (25 n.ºs) 500 rs.
 FORA D'AVEIRO: anno (30 n.ºs) 1\$125 rs.; semestre (25 n.ºs) 570 rs.
 BRAZIL, (moedr. forte) e Africa oriental anno... 1\$500

Publica-se aos Domingos

As assignaturas devem ser pagas adiantadas

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Na secção dos annuncios: cada linha 15 rs.
 No corpo do jornal: cada linha 20 rs.
 Numero avulso 30 rs.
 Redacção e administração — rua Direita.

AVEIRO

SUBSCRIÇÃO

Está aberta n'esta redacção a subscrição para a lapide que se ha-de collocar sobre a sepultura do operario e livre pensador Jeronymo Rodrigues Carlos Salgado, enterrado civilmente, no dia 30 de setembro de 1883, na estrada que conduz ao recinto do cemiterio, e a quem as autoridades de Aveiro negaram sepultura d'entro do cemiterio publico.

Transporte 43\$150

(Continua)

A gente d'el-rei

A monarchia escorrega para o abysmo com uma rapidez e cegueira que nos chegam a espantar. Pratica tantas e tão repetidas tolices, que conseguiu convencer muita gente de que soffre d'uma terrivel alienação mental.

Com effeito, não se explica d'outra forma a sua tenacidade no erro e na loucura. Por mais que os acontecimentos lhe recomendem cautella, por mais conselhos avisados que lhe deem, não é capaz de parar um instante na estrada de perdição em que se metteu, antes corre por ella fóra com maior vertigem. Se eu acreditasse em sestros maus, diria que a persegue um sestro do diabo.

Uma das maiores asneiras da monarchia, ou de sua magestade el-rei o sr. D. Luiz que a synthetisa, porque n'isto de monarchias são os reis que tudo podem e tudo mandam, está na escolha dos homens de que se cerca. Sua ma-

gestade entendeu que não devia chamar para ao pé de si, senão os homens mais enodoados e mais tolos do paiz. Pois faz muito bem e recebe por isso os nossos agradecimentos.

Sabe-se o que se passou com as ultimas eleições municipales de Lisboa. O governador civil organisou uma lista incolor de homens, que se dizem serios, e apresentou-a ao ministerio. Este acceitou-a, segundo corre, mas o sr. Rosa Araujo e o rei impozeram ao sr. Fontes os nomes dos ex-vereadores Theophilo Ferreira e Antonio Ignacio da Fonseca, reprehendendo ambos o chefe do gabinete por cahir na leviandade d'acccitar uma lista em que não figuravam os nomes d'aquelles illustres varões. O sr. Fontes curvou a cabeça, obdeceu sem escrúpulos e d'ahi proveio a demissão do governador civil e do ministro do reino, a qual provocou por sua vez a sahida dos srs. Vilhena e Serpa Pimentel do ministerio.

Eis, pois, um homem honesto, o sr. Caetano de Albuquerque, sacrificado a dois traficantes da peor especie, e uma crise ministerial com todas as suas consequências graves para que ficasse satisfeita a vaidade d'um pasteleiro maluco. Eis um rei, se a voz do povo é a voz de Deus, que usa do seu autoritarismo poderoso para repellir os homens honrados e abraçar os trantantes! Um rei que troca a honra pela deshonor, exigindo a entrada no municipio da *muito nobre e antiga cidade de Lisboa* d'um Theophilo Ferreira, que n'este momento anda homisiado para fugir á cadéa, e d'um Antonio Ignacio da Fonseca, certo cauteleiro que a voz publica designa pelo epitheto affrontoso de viuva Peres!

Como não ha de haver assim

republicanos em Portugal, santo Deus, se a luta até já sahe do campo dos principios para o campo da honra, se as circunstancias são tão degradantes que os honestos e os estoicos da politica para não perderem essa honestidade e esse estoicismo tem de se retirar á vida privada ou de se fazerem republicanos, ainda mesmo que certos restos d'escrúpulos de consciencia os quizessem deter?

Mas deixémos mesmo a lista municipal e façamos em alguns segundos uma viagem de recreio á volta do charco real. Vámos, olhemos em face um Arrobas, um Macedinho e pensémos na torpeza humana. Esse Arrobas, que é um favorito do Paço, o querido d'el-rei por excellencia, tem uma vida deploravel em que nem quero mecher, uma vida publica, entendase, porque eu nada tenho com a sua vida particular apezar d'esta ser para mim o verdadeiro espelho d'aquella. E entretanto priva com o chefe do Estado, posue a sua amisade, os seus favores, as suas graças!

O Macedinho não é tratante, nem eu estou fallando só de trantantes, mas é tolo. Todavia sua magestade considera-o o maior sustentaculo do seu throno! Tolo varrido, sem merecimento, sem autoridade, sem nada que o recomende para o alto cargo que occupa e não obstante el-rei aprecia-o de tal modo, que nem a demissão lhe quiz dar quando elle um dia fardado se esgatanhou na rua do Ouro com outro militar.

Lopo Vaz, ei-lo no poleiro, esse cynico que principiou a vida publica com as basorradadas mais indignas que Portugal tem presenciado. Barjona de Freitas, devasso celebre, que offendeu com os seus actos immoraes de ministro toda a gente seria d'este paiz.

E el-rei concede-lhes a sua confiança, toma-os para seus conselheiros intimos exactamente para irem patrocinar a candidatura dos Theophilos e dos Foncesas!

Quando se offendeu tanto e tão descaradamente a moralidade publica?

Coroneis da guarnição de Lisboa: — outros sustentaculos do throno conhecidos por uma imbecilidade sem equal, cortezãos cujo officio é levar *multos officiaes* ás festas do sr. D. Luiz e curvar deante d'elle com mestria a tremula espinha dorsal, ignorantes chapados nos principios mais rudimentares da sciencia militar, sustentaculos do throno que tem a antipathia profunda e completa das respectivas corporações, que bastas vezes insultam á laia d'aquelle *rasgador* das cartas que continham listas republicanas. E lembrar-se a gente de que el-rei correu com coroneis tão serios, honestos e independentes para os substituir por esses homens! E suppôr el-rei que são elles que lhe seguram o throno, quando são exactamente elles que mais lh'o abalam.

Temos mais . . . mas não, escusamos de perder tempo a citar nomes. E' tudo assim. Ou embeccis e malreados, ou especuladores e tratantes, eis a gente d'el-rei.

E quem não ha de sér republicano com tal gente?

Desce, desce monarchia, por esse declive medonho que vae parar ao abysmo.

X.

PELA EUROPA

A viagem do principe imperial da Alemanha a Madrid é objecto de todos os commentarios dos circulos politicos europeus. O que vae alli fazer o filho do imperador Guilherme? Pagar a visita ao joven Affonso de Bourbon, dizem os novelheiros monarchicos. E o

que foi o joven Bourbon fazer á Alemanha? Assistir ás manobras do exercito alemão, dizem os mesmos novelheiros.

Não, nem o joven Affonso foi á Alemanha pelas manobras, nem Frederico Guilherme vem agora a Madrid por um dever de simples cortesia.

Affonso XII, vendo o throno abalado pelos republicanos, temendo a influencia perigosa da republica franceza, foi a Berlin procurar um apoio que lhe faltava no proprio paiz. Bismarck, cujo unico fim é consolidar a obra nefanda da unidade alemã, acceitou presuroso o pedido do hespanhol e tratou d'estabelecer com os nossos vizinhos a mesma alliança que já estabeleceu com a Italia. A viagem actual do herdeiro da corôa alemã é para o mundo a confirmação da alliança. A França opulenta, com um exercito brilhante, com a industria e o commercio no ultimo grau de desenvolvimento, mette medo á torpe Alemanha. A Republica consolida, a irradiar para todos os lados as edéas sublimes de liberdade, igualdade e justiça aterrorisa os reis d'Italia e Hespanha, que tem os thronos assentes em cima do volcão revolucionario.

D'ahi estas allianças hybridas. Que vele a França, que esteja attenta, que se não deixe seduzir por glorias longiquas.

O processo intentado na Noruega, e que se está julgando, contra os ministros da corôa que se recusaram a promulgar uma lei votada pelo Parlamento, atrahê as atenções de todo o mundo. Que sublime espirito de liberdade! Que grande povo aquelle, que sabe tão bem comprehender os seus direitos! Reparem n'aquillo os nossos monarchicos, ponham os olhos n'aquelle bellissimo exemplo d'indendencia parlamentar e, já que fallam tanto na liberdade que nos concede a monarchia portugueza, digam-nos se algum dia n'esta terra se effectuou acto tão grandioso de liberalismo?

Que grande liberdade a nossa! Nem se quer temos a responsabilidade ministerial. Um dia, um ministerio lembrou-se d'apresentar ás camaras um projecto de lei fixando essa responsabilidade. Pois lá ficou a dormir o sono dos justos.

Mas que grande liberdade a da Noruega, onde o povo accusa de reus d'alta traição, em pleno tribunal, o rei e os ministros que se negaram a cum-

(9) **Folhetim**

A. RANC

HISTORIA D'UMA CONSPIRAÇÃO

Viu-se pelo capitulo precedente que Juliette acompanhou Fernando Roy á ilha d'Oleron onde foi internado em 1803 por medida de segurança geral, e que depois da morte d'este homem de tão grande talento e boas qualidades porem morto como tantos outros antes de poder mostrar o que valia, voltou a Poitiers. Elle tinha-lhe deixado uma quantia sufficiente para ella viver e por conseguinte a nota que a policia enviou ao sr. Drault era inexacta n'esse ponto porque Juliette possuia os meios necessarios para viver.

Ella queria por força ficar em Poitiers. Contudo a sua aventura fizera barulho e ninguém a queria receber, excepto nas ruas mal afamadas ou nos bairros ordinarios, onde as ruas são estreitas e tristes. Por fim encontrou dois aposentos n'uma casa isolada do boulevard Grand-Cerf, quasi deserto n'essa

epoca, onde, aparte aquella casa, só havia albergues frequentados pelos carroceiros. Juliette não era medrosa; alem d'isso tinha por pouco dinheiro dois grandes aposentos e ar. Um d'elles dava para o boulevard, o outro tinha magnifica vista sobre os jardins e campos que se estendiam entre a rua de Hautes-Treilles, a prisão da Visitation e o boulevard do Grand-Cerf.

Na epocha em que principia esta historia, Juliette Lefrançois tinha 27 ou 28 annos. Não envelhecera; aos dezeseis annos parecia mais velha do que o era realmente; aos 28 parecia muito mais nova. Ainda não era bonita e não atrahia as atenções de quem passava ao pé d'ella; mas aquelle que uma vez reparasse n'ella, aquelle sobretudo que sentisse a acção do seu olhar, nunca mais a esquecia.

Ella sabia-se vestir e seguia discretamente as modas. Isto só por si desagradava aos habitantes. De boamente lhe teriam perdoado certas libertinagens, mas como era possivel agora admittir que a filha de um reles algibebe usasse d'um lindo chapéu palha de Italia e casquinha á Nina com enfeites lindos, cordões d'ourados e botões d'ago? Semelhante toilette era simplesmente d'uma immoralidade sem nome.

Juliette Lefrançois tinha vestido assim para ir visitar ao sr. Drault, a cabeça era aformaseada por um chapéu em feiço de sharo, ultimo figurino. O vestido porem era

assaz longo e de côr escura. Não adoptara ainda a côr amarelo-canario, gosto escolhido pelas favoritas de primeira ordem. De flores tambem não pozera ao peito a hortencia flor reconhecida governamentalmente.

Sahiu do gabinete do juiz de instrucção e encaminhou-se de vagar pela rua do Preboste. Parecia ir socegada e ninguém que a observasse supporia da conversação calorosa que tivera com o sr. Drault. Parou um bocadinho na praça Saint Dedier, ao pé do Palacio da Justiça. Na praça não se via uma unica pessoa; seguio pela rua da Camara, uma das mais concorridas da cidade; distrahida como ia Juliette esbarrou com um velhote que encontrou na sua frente e que corria a bom correr. A casaca d'este homem era muita curta e com umas abas quadradas, enorme collete, dando muito aos bragos. As calças curtissimas atiravam para côr de canella. Fez uma cortezia e pediu perdão, dando a direita a Juliette. Esta que tomava á esquerda para deixar passar o homemsinho, novamente foi de encontro a elle. Novas desculpas do homem. Ponco tempo durou este incidente, mas n'esse espaço curtissimo o homemsinho foi sempre dizendo com a maior urbanidade « Amanhã em Santo Hilario á hora da missa do meio, junto á capella da Virgem ».

Juliette olhou fixamente o velho em quanto elle naturalmente se afastava «pedindo milhares de perdões».

Juliette tinha chegado á rua se Basses Treilles para entrar em casa mas lembrou-se não sei de que e tomou pelo caminho da praça d'Armas. Rodeado de creanças e de basbaques estava um pobre diabo d'um trovador ambulante de barba e cabelo crescido, uma dilicia dos espectadores, cantando em patois napolitanas. Juliette parou a ouvir até ao momento em que o pobre homem tirou o chapéu e estendeu a mão; tirou da algibeira um pequeno dinheiro e deixou-o cahir na mão do infeliz. D'aqui continou o seu caminho até ao boulevard do Grand-Cerf sem olhar uma unica vez para traz. Todavia como o sabem fazer todas as mulheres ella não ignorava que alguem a seguia até á porta.

IV

Logo que Juliette Lefrançois sahio do gabinete do juiz, o magistrado disse com os seus botões que aquella mulher lhe tinha dado um capote, a elle encaecido nos negocios de policia. Descobriu-se todo e nada havia obtido sobre o que desejava. E para camulo de infortunio Gonde censurava-o a toda a hora. Via a necessidade de á noite entabolar a reconciliação e pagar as custas. Não havia outro remedio.

Para o sr. Drault o horizonte escurecia-se-lhe. Ainda ficaria aliviado se tivesse podido prender a altiva rapariga. Talvez, que de-

pois de presa na cadeia, ella se humilhasse perante elle.

Em todo o caso elle teria podido á vontade chamar-lhe simplesmente Lerançois, a Fernanda e isto não desagradaria. Havia porem a este respeito ordens de que não podia fergiversar nem proceder a prisões sem dar conta primeiro ao ministerio da policia geral. No mez anterior tinha pedido licença para proceder a uma prisão do irmão de Pedro Rochereuil e não tinha recebido resposta telegraphica. Só tres dias depois recebeu uma carta do chefe do gabinete do duque de Rovigo, mas este explicava a simplesmente em termos delicados que elle não passava d'um idiota chapado. Eis o que dizia a carta:

«Estou com pressa de prender Rochereuil filho assim como o abbade Georget já commetteram uma falla, que ao menos ella se não repita. E' preciso deixar em liberdade algumas das pessoas que estão compromettidas para por ellas averiguar-mos a verdade».

Não contaria o sr. juiz da instrucção com as informações de Rochereuil e do abbade Georget? Na opinião do sr. duque de Rovigo a questão de dia para dia adquiria maior gravidade e o juiz de instrucção tinha conhecimento de que um agente da policia preventiva tinha partido para Poitiers; o policia ficaria ás ordens do juiz devendo este funcionario obrar sempre de harmonia com aquelle. O chefe do gabinete terminava, fei-

prir a sua vontade! Aquillo sim, aquillo é que é liberdade.

Não se esqueçam os leitores de que a maioria da camara noruega é composta de republicanos, de contrario succederia lá o mesmo que succede aqui.

Na Serbia trabalha a revolução. O reiito d'aquelle paiz, um tyranno assassino chamado Milão, provocou o povo e o povo respondeu-lhe com a revolta. Sem respeito algum pelo paiz, encerrou a força a camara ha pouco eleita, composta em grande maioria de republicanos. Não contente com isso, temendo já os resultados do seu despotismo, mandou tirar ao povo as armas que elle tinha para se defender do estrangeiro. Mas o povo serbio, que é digno, independente e nobre, voltou as armas contra elle.

Está, por consequente, travada a lucta entre o direito e a força, a liberdade e o despotismo. Oxalá que o despotismo e a força não triumphem mais uma vez.

A Hespanha está cada vez mais avassalada pela tyrannia real, como o demonstra um facto allí succedido ha dias. *La Vanguardia*, jornal republicano, foi suspenso por vinte dias e um dos seus redactores Manuel Bejar, um velho illustre, condemnado a 4 annos, 9 mezes e 20 dias de prisão; aquella por ter publicado e este por ter trazido um telegramma de brincadeira, publicado por um jornal portuguez na epocha do carnaval.

E' vilissimo, infamissimo e torpissimo.

Alem d'esse facto miseravel, dão-se outros diariamente que provam a que ponto a liberdade é allí espinhada. Os cidadãos são presos por actos insignificantes e os jornaes processados por artigos inoffensivos.

Quando baterá para aquelle povo a hora da redempção?

Os discursos pronunciados em Londres, no banquete annua de lord maire, pelo sr. Gladstone, presidente do conselho de ministros de Inglaterra, e o sr. Waddington, embaixador da França n'aquelle paiz, mostram a viva sympathia que ha entre as duas nações.

O sr. Gladstone fallou da França em termos d'ardente sympathia.

Ignotus.

Aos operarios da Madeira

Os valentes operarios madeirenses acabam d'abrir entre si uma subscrição para a lapide que ha de ser collocada na sepultura de Jeronymo Rodrigues Carlos Salgado.

Por esse facto se vê quanto o espirito republicano domina na brilhante classe operaria da Madeira.

O *Povo de Aveiro*, (dirigido tambem por operarios, sanda com entusiasmo os seus companheiros d'alem mar e agradece-lhes com profunda alegria, por vêr quanto são arrojadas as suas convicções republicanas, o acto distincto que acabam de praticar.

citando o sr. Drault pela sua dedicação e muito zelo. Sua magestade o imperador e rei seria d'isso informado logo que chegasse a Paris.

—Mel, mel da côrte, que elles sabem dar, resmungou o sr. Drault ao findar a leitura da carta. Depois de tudo tiram-me a parte melhor do processo. Isto só a mim é que acontece.

O sr. Drault enganava-se. Nos processos politicos, os juizes de instrução não dirigem nunca a questão. O magistrado recebe da policia o trabalho completo e todas as minuciosidades a elle concernentes. Bem diligencias tem feito os magistrados de cortar esta forma de instaurar os processos mas não tem conseguido; elles estão entre os accusados que caem ou negam tudo e entre as revelações que a policia colhe. A policia tem quasi tanto interesse como os conspiradores em occultar parte da verdade. Eis porque os processos politicos na maioria ficam obscuros e muitas vezes pouco se pode tirar a limpo.

—Lá se vai o melhor da causa, repetia o sr. Drault, e se eu tivesse obrado por mim proprio, estava prompto: ficaria juiz todavida em Poitiers. Que resta pois fazer? A carta que joguei na questão da rapariga está perdida. O enviado do ministerio tarda a chegar e ha mais d'um mez que me foi annunciado. Estará ella já por aqui? Talvez que elles em Paris me quizessem mostrar a

Harrar pelos operarios madeirenses!

Eis como o nosso querido collega *A Republica* d'aquella localidade se refere a isso.

DIGNOS DE LOUVOR

A classe operaria madeirense, abriu uma subscrição para a lapide que, se ha-de collocar em Aveiro, sobre a sepultura do honrado operario e livre pensador, Jeronymo Rodrigues Carlos Salgado, enterrado civilmente na estrada que conduz ao recinto do cemiterio, e a quem ineptas e intolerantes autoridades d'Aveiro negaram sepultura dentro do cemiterio publico!

O procedimento da classe operaria Madeirense, é um protesto frisante contra uma auctoridade deshumana e servil que, não soube respeitar a ultima vontade d'um artista digno e honrado!

Onde existe a verdadeira nobreza? E' na fidalguia e nos thronos corroidos?

Não! E' no trabalho! Filhos do povo, artistas honrados, cumpristes o vosso dever fazendo justiça á memoria do vosso infeliz irmão! Bem diz o nosso deputado o dr. Manuel d'Arriaga:

ESTÁ TUBO CORRUPTO, MENOS O CORAÇÃO POPULAR!

A Romaria do sr. Bispo

I

Na gare d'Aveiro apeou-se o sr. bispo de uma carroagem-salão, distinguindo-se dos outros romeiros, seus irmãos em Christo, que se viam sahir de simples carroagens de 2.^a e 3.^a classe.

Depois de alinhadas as confrarias, e levantados os guioens, desdobrando-se o pallio sobre o sr. Bastos de Pina, já com a mitra a lusir a um sol bem digno de ver coisas mais dignas de ver-se, moveu-se a romaria em direcção á igreja de S. Domingos.

Estas marchas de devotos em silencio, com os uniformes rituaes, e ares contrictos, ajustados á sua figura, são actos só apparentes, insignificativos, sem espirito, nem effeito algum moral religioso.

E J. Christo condemnou-os. «Quando orardes, disse elle, não chaves de fazer como os phariseos, que gostam de orar em pé nas synagogas, e nos cantos das ruas para serem vistos, mas entrai no vosso aposento, e fechada a porta orai ao vosso pai em segredo — e vosso pai que tudo vê, vos dará a paga.»

S. Matheus, cap. 6. v. 56. Portanto uma romaria, em que muita gente junta depois de convidada por annuncios e cartazes ostenta a sua piedade, que exige e demanda as ruas para se mostrar como devota, é o que ha de mais contrario áquelles preceitos de J. Christo.

O rosario mesmo, que S. Domingos instituiu, onde a Virgem é invocada cento e cincoenta vezes entre quinze padre-nossos, não nos parece conforme a outras recommendações do Divino Mestre.

Vejamos:

incompetencia de eu dirigir este negocio.

Estas eram as reflexões que o sr. Drault fazia. Este pobre magistrado agora ainda mais estava perplexo por isso que tinha em vista casar-se, para se desembaraçar de Gonde que já de sobejo lhe pesava. Agora porém com o magro ordenado de juiz e a pouca consideração com que ficava o casamento era impossivel. Pelo contrario, se fosse nomeado conselheiro, ou presidente, tinha direito a aspirar á mão da menina Tardinel, joven de trinta annos e com um dote de cem mil libras. Agora tudo quasi destruido e nem mais esperanças. Que bella figura elle não faria com cem mil libras em dinheiro sonante!

Tinha chegado a hora de ir para o tribunal, o sr. Drault barbeou-se e vestiu-se correctamente. O magistrado processou Rochereuil de baixo do braço, este processo em que elle fundava todas as suas esperanças; tomou a sua bengala de gancho, presente de Gonde no dia dos annos e seguiu para a praça Saint Didier. Tanto preocupado estava que chegou ao tribunal, atravessou salias e corredores sem ver ninguém, nem mesmo na sala dos Passos-Perdidos, antiga sala dos guardas dos duques de Aquitania (recordam-se satisfeitos os habitantes de Poitou de quando esta cidade fora capital), aonde passavam agora, os advogados vestidos de as suas togas. Nada mais devertido que ver a sala dos Passos Perdidos cheia de advoga-

«Quando orardes, não falleis muito como os gentios, que cuidam que pelo seu muito fallar serão ouvidos».

S. Matheus, cap. 6. v. 7. «Não queiraes parecer-vos com elles porque vosso pai bem sabe o que avos é necessario primeiro que lh'o «roguéis». «Assim é que haveis de orar — e ensinou o padre-nosso — como a oração unica dos fieis».

Aquellas repetições do rosario são superfluas, e avessas á indole da oração, e reprehensíveis, desde que J. Christo as condemnou.

Não recordo ao sr. Bispo o cap. 17. v. 24 da *Acta Apostolorum*.

Esta devoção do rosario convinha que antes se esquecesse, do que avalla, para não lembrar aos fieis o nome do seu instituidor.

II

Cabe á Hespanha a triste gloria de ser a patria a S. Domingos.

Domingos de Gusmão, conego da Sé d'Osma, acompanhou n'uma viagem a França o bispo Diogo d'Acêbes, e lá se uniram aos abbades de Citeaux, então empenhados na conversão dos albigenses — (1206).

Esses abbades apresentavam-se com um trem de principes, e mais escandalisavam do que persuadiam aquelles sectarios, homens de uma vida austera.

O conego Domingos affectou uma austeridade ainda maior, a que Vicente de Beauvais, historiador contemporaneo, chama *uma santa hypocrisia*.

«Jejuava a pão e agoa, pedia cilicioros ás damas nos castellos onde se hospedava, recommendando-lhes segredo para incitales a que o divulgassem, e aos seus collegas exortava-as a que tomassem todas as apparencias da virtude sobretudo em presença dos seculares».

V. de Beauvais — (Hist. L. 29 — cap. 105, T. 4, pag. 124).

Mas de nada valendo as sanctas hypocrisias, S. Domingos recorreu á Virgem, e instituiu o Rosario. e o rosario não conseguiu tambem as conversões tão desejadas.

Então dirigiu-se a Innocencio III, rogando-lhe a facultade de recorrer ás armas contra aquelles desgraçados, que occupavam muitas cidades na Provença e no Languedoc.

E o bom do pontifice o encarregou de pregar a cruzada contra elles, e o santo desempenhou essa missão cruel e sanguinaria.

E foi S. Domingos mesmo que a publicou e prometeu indulgencias a todos os que o ajudassem a exterminalos.

Innocencio III decretou a sua morte em toda a parte — a destruição das suas casas, e anathemas terriveis contra os que pretendessem estabelecer-as, ou os escondessem, ou lhes dessem sepultura.

Innocent. III — Epist. 7, 8, 18, 19, 202, l. 9. — Bulla — Veterb. — 2 Calend. Octob. — 1207 — pag. 253 — Com. 49 — ad eliminandam. T. 3 pag. 116.

No anno 1209 os cruzados, *incumbidos de abolir na terra o nome d'aquelles que já estavam riscados no livro da vida*, (termos do papa) se reuniram em Leão, e d'ahi partiram para o *santo exterminio*.

Ha pessoas que invariavelmente vão al passear como passa-tempo uma vez por mez. As toucas variadas com que cada advogado se cobre vale um poema. Dammier tem encontrado na sala dos Passos Perdidos bellas inspirações. Não insistamos n'este ponto com receio de offender a Ordem. Não se sabe nem quem vive e ainda menos quem morre nem por quem se honra ser defendido.

Na passagem do corredor para o gabinete foram ao encontro do sr. Drault dous advogados srs. Brochard e Bonceme, duas primeiras notabilidades do corpo dos advogados.

Estes homens são d'aquelles com quem os juizes desejam estar sempre em boas relações.

—Então, como vai a instauração do processo? Será elle julgado em audiência ordinaria ou de jury?

O sr. Drault fez um tregeito que poderia significar: «E'-me defeso dizer coisa alguma.» E continuou a andar para o seu gabinete, tendo-o todavia incommodado o tom chocante com que os advogados o interrogaram. Quem pagou as favas foi o pobre escriptor com quem elle desabafou sensurando-o por um pretexto qualquer insignificante.

O escriptor d'um juiz tem por obrigação ser firme como uma rocha, ouvir tudo e nada dizer senão quando lhe for perguntado. Assim este funcionario limitou-se a um mo-

niram em Leão, e d'ahi partiram para o *santo exterminio*.

Entre os chefes contavam-se os arcebispos de Sens, e de Rouen, os bispos de Autun, de Clermont, de Nevers, de Chartres, e outros.

Sob o commando de Simon de Monfort, cahiram sobre Besiers esses bandos feroces, avidos de sangue e rapinas.

Tomada a cidade, que incendiaram, todos os habitantes, sem distincção de sexo, nem d'idade, foram passados ao fio de espada.

As creanças foram mortas no seio de suas mães.

Foi ahi, que Arnould, abbade de Citeaux, irritado com alguns dos exterminadores, que hesitavam na matança por não saberem distinguir os orthodoxos, cortou as duvidas, dizendo, — matai, matai, o senhor conhece os seus, e vol-os fará conhecer — palavras abominaveis que bem revelam não ser o fanatismo o principal motor de tantas atrocidades.

De Besiers passaram os bandos, que não montavam a menos de 50,000 homens, ao cerco de Carcassona, e depois ao de outras cidades e castellos.

E S. Domingos, na qualidade de director — espiritual, — os acompanhou, e com a cruz erguida em uma das mãos, e correndo por entre as fileiras, exortava e animava os soldados ao combate e ao exterminio.

III

Estes excessos de zelo lhe grangearam uma recompensa merecida, o cargo de inquisidor-mór nas provincias devastadas, e o aceitou e exerceu mostrando com isto que o não magoavam os remorsos, nem o amedrontavam os espectros vagueando por entre as ruinas e assolações, que a sua voz provocára.

O nome de S. Domingos é odioso e causa horror — e quem o não sente, não pode ser christão, nem tem coração d'homem.

A igreja catholica devia antes querer se riscasse da sua historia esse nome de que avival-o na memoria dos fieis promovendo romarias que o lembram.

E' desde S. Domingos que se determinaram os papas a organizar a inquisição, esse tribunal sem exemplo nos annos humanos.

Por essa criação inaudita, o confronto entre os Neros e os chefes catholicos é para estes desfavoravel.

Pelo Santo-officio perdeu a igreja o direito a accusar os Cesares perseguidores dos primeiros christãos, desobedientes ás autoridades romanas, e que ameaçavam pelo seu ardente proselitismo o culto estabelecido.

Se os Neros illuminavam os seus jardins com as fogueiras em que ardião os sectarios de uma religião nova, e os lançavam ás feras dos circos, são actos isolados, e individuaes, e não assumem a gravidade e a importancia dos crimes continuados de um tribunal, que durou 600 annos!

E os inquisidores, depois de um processo tenebroso e artificioso, depois de mil torturas moraes e phisicas, queimavam por leves divergencias, os seus irmãos de creença e dos autos de fé fazião solemnidades publicas, juntando á perúdia a malvadez inte-

vimento de hombros. Algumas testemunhas haviam na sala á espera de serem chamadas aos interrogatorios; o escriptor chamou a attenção do juiz, mas este não lhe deu resposta.

Depois de muito tempo o juiz escreveu algumas palavras que mandou entregar ao escriptor.

—Ohe, meu bom Ginot, vá immediatamente á Visitação, entregue este mandado ao carcereiro, e traga o réo Rochereuil á minha presença. Requisite da municipal dous soldados que o devem acompanhar.

—Descompe-me a toda a hora, e agora chama-me o seu bom Ginot. Isto parece que não lhe corre direito — pensou consigo o escriptor, que foi n'um instante á Visitação.

Logo que se viu só, sr. Drault para matar o tempo e acalmar-se da grande irritação que o acomettera, releu os interrogatorios e as notas diversas escriptas no processo Rochereuil. Quasi que já as sabia de côr.

Passado uma hora, Ginot voltou só de cabeça baixa e triste.

—Então, aonde está o réo? — gritou o juiz.

—O carcereiro da prisão recusou-se a entregar-m'o. E o escriptor explicou ao seu chefe que o sr. Descosses, chefe dos carcereiros da Visitação mandava pedir desculpas ao sr. Drault de não poder deixar sair da prisão Rochereuil, haviam a tal respeito instruc-

ressada no expolio dos condemnados, e á malvadez a hypocrisia.

Seis centos annos de crimes atrozes não se desculpam, nem se explicam só pelas circunstancias do tempo, nem pelo fanatismo.

Que circunstancias são essas, que não mudam em tantos seculos, que fanatismo é esse que se apouso de tantos espiritos que se succedem, tão variados, em epochas, e situaçõs moraes tão diversas?

A igreja actualmente devia ter todo interesse em significar a sua desapprovação a esses horrores, não devia avivar á lembrança dos fieis os nomes d'aquelles que os promoveram.

Em vez de ordenar taes romarias, que os lembram, fora melhor extinguil-as.

IV

Mas atravez de tudo, o que se pretende é augmentar, ou pelo menos fazer continuar a grandeza do estado ecclesiastico, e é para isso que se aproveitam todos os meios de tornar credulas o mais possivel as gerações actuaes para depois explorar e converter em ponto de apoio, a sua credulidade.

Essas romarias, socias das publicações sobre a agoa de Lourdes, entram n'um plano geral, que visa a desenvolver a natural e viciosa tendencia das classes não cultas para o mysticismo, para a beatice, e conservar-as n'um estado d'espirito, irracional e meticuloso em face dos poderes sobrenaturaes, tão favoravel á influencia do clero, e que é a base do seu poder, e a força das suas arrogancias para com os governos.

Desenganai-vos, chefes catholicos, se quereis ter uma influencia legitima, boa, e santa, convertei-vos ao Evangelho, que sophismaes, e desvirtuaes, e não trateis de converter, ou de abafar pela fé dos ignorantes, os hereges do throno dos papas, do sacerdocio infallivel, das grandezas ecclesiasticas, contra o que lançou J. Christo as suas imprecações mais vehementes.

Bispos, não gasteis em romarias as vossas rendas, que são destinadas ao allivio dos infelizes.

Escutae um vosso confrade, o grande orador Mascillon, cuja autoridades invoco.

Diz elle — «As nossas rendas são depositos sagrados» de que somos apenas os dispenseiros, os economos.

«Não são bens proprios que possam sacrificar-se ao luxo, e á vaidade».

São só supplementos á nossa indigencia.

(Discurso sobre o uso das rendas ecclesiasticas).

O sr. Pina, que é um bom padre, e que ingenuamente explica as ostentações do clero pelas mudanças e condições do tempo não entra de certo n'aquelle plano senão por comprazer a Leão XIII, e por esse seu amor ás coisas apparatusas, e que dão na vista, amor que vem da sua indole, e não de um calculo politico, de uma duplicidade que não está no seu character, que é franco e liberal, como me affiançam.

Mas o seculo XIX, que é já um velho de oitenta e trez annos, e que tem na frente as rugas da sciencia e da experiencia, olha com lastima es-

ções tão precisas e por certo baixadas do ministerio da policia que tinham sido depois confirmadas verbalmente pelo sub-perfeito Bourgnon. Segundo o que mandava dizer o director da Visitação, o preso só poderia sair da sala aonde estava encerrado por ordem expressa do sr. duque de Rovigo. Sa havia pois necessidade d'aquelle preso ser interrogado, que o sr. Drault se incommodasse em ir a prisão como d'outras vezes o fazia.

—Ah! que policia! que policia! murmurou o sr. Drault, a quem este novo incidente veio confirmar o que elle já pensava, e era que n'esta questão tinham-lhe tirado toda a força de caso pensado.

Pois bem, seja como quizerem, vamos lá á Visitação. Que se não diga que eu despresei uma unica occasião. Horas antes elle não pensava em ver Rochereuil e muito menos interrogal-o. No momento mesmo em que este magistrado se dispunha a sair com o seu escriptor bateram de fora á porta. Era um dos ajudantes de tabelião que lhe segredou o quer que foi.

O sr. Drault teve um movimento como que de contrariedade.

—Mandai entrar — disse elle.

(Continua).

ses maneios, e esforços em restabelecer uma dominação funesta e opposta ás idéas e aos interesses da sociedade contemporânea.

Debalde teimaes, ella pode mais do que vós.

L. d'Almeida e Medeiros.

Escandalos municipaes

III

Mais uma peça para o enfloramento da gloriosa corôa da administração municipal de Sever do Vouga: «Eduardo Arvins, ex-professor de instrução primaria elementar da parochia de Sever do Vouga, estando no desembolso do seu ordenado do quarto trimestre de mil oito centos e oitenta e dois, na importância de trinta e cinco mil réis (§ 1 do art. 31 da lei de 2 de maio de 1878, § 1 do art. 71 da mesma lei, e artigo 26 do decreto de 20 de setembro de 1844) não contando as gratificações de frequência e de exames a que se referem os §§ unico do art. 26 d'este decreto e 2.º e 5.º do citado art. 31 d'aquella lei, requer que se lhe mande pagar; porque

«Considerando que os ordenados fixos dos professores são pagos mensalmente (lei de 2 de maio de 1878, at. 37) por meio de folhas processadas na secretaria da camara e mandadas pagar pelo presidente (Cod. Adm., art. 135) o qual não deve ordenar pagamento para que não tenha verba autorizada no orçamento (Cod. adm., art. 135, n.º 2) e cuja despesa não esteja legalmente comprovada (Cod. Adm., art. 137);

«Considerando que a camara pagou aos professores da villa cabeça de concelho a razão de 140:000 réis annuaes desde o principio da execução da actual lei d'instrução até ao fim do terceiro trimestre do anno proximo findo, e que agora não pode, e pretexto de que pagou de mais, deixar de lhe pagar os mezes vencidos;

«Considerando o falso fundamento e a incompetencia de razão da camara na recusa de pagar por a commissão executiva districtal ter reduzido de 140:000 a 120:000 réis a verba apresentada pela camara como ordenado fixo minimo, sendo certo que esta quantia se compunha de 120:000 réis, legal ordenado fixo minimo, e de réis 20:000, antiga gratificação paga pelas camaras, faltando explicação no orçamento camarrario e aparecendo confusão, ao passo que a camara pedia um avultado auxilio para a dotação da instrução;

«Considerando ainda que quer se repete os 20:000 réis pagos pelas camaras como gratificação (lei de 20 de fevereiro de 1875, art. 5.º) quer se entenda que sejam parte do ordenado fixo dos professores, como tem sido confirmado pelo governo em varias resoluções e especialmente em portaria inedita ao governador civil de Santarem, o seu pagamento está sempre garantido por lei como direito adquirido, bem como garantido está o ordenado fixo minimo de 120:000 réis tocante a escola urbana cabeça de concelho; devendo, pois, a camara pagar ainda pelas seguintes razões:

«1.ª—Porque ninguem pôde pagar-se por suas mãos;

«2.ª—Porque, nos termos do art. 758 do Cod. Civil, quando alguém paga o que realmente não deve (e a camara devia-o porque deliberou pagal-o e podia fazel-o) só o pôde recobrar provando erro de facto ou de direito (e a camara nem sequer o pôde allegar) e sobretudo provando que o suplicante o recebeu de má fé, o que aqui nem sequer se presume;

«3.ª—Porque é principio constitucional (Cart. Const., art. 145, § II, e Cod. Civil, art. 8.º) que nem as leis nem as deliberações das corporações administrativas que na sua esphera a ellas equivallem, tem effeito retroactivo;

«4.ª—Porque, quando mesmo tivesse havido excesso d'auctorização e pagamento illegal a responsabilidade era do presidente e tornar-se-hia efectiva no julgamento das contas (Cod. Adm., arts. 137, 372 e 374); portanto—Pede a v.ª s.ª ill.ª srs. presidente e vereadores da camara municip-

pal de Sever do Vouga se dignem deferir. E. R. M.—Eduardo Arvins.»

Não ha dinheiro para pagar aos professores; mas sobra para todas as tranquiernias, arranjos e compadrios. Ainda nas ultimas eleições camararias o grande presidente fez correr o vinho com tanta cópia que de tarde era impossivel transitar na villa tal era o numero de bebados que atulhava as ruas, bociferando como doudos, aggreindo-se como feras e selvagens e bolsando em vomitos frenéticos o excesso de carga que o porão do bucho não podia comportar, mau grado o desejo dos seus miseraveis donos que assim pretendiam indemnizar-se das intruções e dos vexames com que os tem ludibriado.

Os fomentadores da embriaguez escapam por enquanto ao Código Penal; mas não ao tribunal das consciencias honestas.

CARTAS

Lisboa 16 de novembro

A commissão d'apuramento continua com os seus trabalhos. Não se sabe ainda se o vereador Antonio Ignacio da Fonseca será substituido pelo sr. Theophilo Braga, mas é de crer que sim.

A commissão tem descoberto maroteiras enormes, praticadas pela gente regeneradora para fazer triumphar a sua lista. Em certas assembléas contaram-se muitos votos a mais aos candidatos regeneradores; n'outras estão as actas escriptas com tintas diversas; n'outras votaram os mortos ás dezenas; emfim, tantas poucas vergonhas que até repugna fallar n'ellas. Bem dizia o vosso jornal de domingo, que é impossivel fazer-se qualquer coisa por meio d'eleições com a liberdade de voto que temos!

Se elles empregam, os monarchicos, toda a casta d'infamias contra nós, como é possível vencê-los? A luta contra o impudor, a desfaçatez, o sophisma, a corrupção, a violencia, é inutil, completamente inutil.

Falla-se com grande insistencia em serem annulladas as eleições. Não sei o que ha a tal respeito e creio que nem mesmo a propria commissão o sabe, porque sem ultimar os seus trabalhos não pôde tomar resolução alguma. Todavia não é de admirar que sejam annulladas, porque sobejam razões para isso.

—Desappareceu o famoso Theophilo Ferreira que tem mandado de prisão. Uns dizem que está em Hespanha, outros em França e outros em casa d'um triumpho muito conhecido em Lisboa, capitão môr da baixa. O dito Theophilo está processado por attentado ao pudor d'uma menor e d'uma mulher casada.

Que homem, que homem que o sr. D. Luiz queria para zelar os interesses dos habitantes de Lisboa! Havia de os zelar muito bem. Esta monarchia está cada vez mais immunda, torpe e repellente.

Não bastava sujar-se a cada passo com actos miseraveis; ainda em cima nos impõe como funcionarios os homens mais desacreditados do paiz. E' pôr o olhos no Theophilo, como lhe chamam por aqui. Por causa d'elle sahio do governo civil um funcionario honesto e houve uma crise ministerial. Todavia o tal Theophilo é a creatura mais devassa, immoral e cynica que se conhece!

Apoiados, srs. realistas. Vão ás mil maravilhas.

—Corre que ha dissidencias no ministerio. O Fontes não se entende com Barjona. O Barjona não se entende com Pinheiro Chagas e Aguiar. O Lopo Vaz chama tolo ao Bocage e o Bocage leva-se ao Lopo Vaz. Por outro lado, com os regeneradores d'alto coturno, que vivem em pasta e ainda ficaram logrados n'esta vez, movem guerra surda ao ministerio. Ha tambem muito quem grite de fora contra o Barjona que não segue, dizem, o verdadeiro caminho. Um verdadeiro charivari regenerador, que vae dar n'uma derrocada medonha.

—Sua alteza o principe não tarda ahí. Apparece-lha-se o Pinhão para ir buscar a creança, que quer vir por mar. Mas que creança tão cara! A creança mais velha, a creança mais

nova e a mamã custaram-nos com certeza este anno, aparte a respectiva dotação, mais de mil contos. Isto é uma mina para este paiz de minas. Zê que pague e cale. Entretanto a dívida augmenta, o deficit sobe e a penuria cresce. Deixem vir a fome que nos bate á porta, que muito verá quem viver.

—Falla-se na visita a Lisboa do príncipe imperial da Alemanha, que vem agora a Madrid. Dar se-ha o caso do sr. Bismarck nos querer metter tambem na santa alliança monarchica da Europa? Pois nem este pequeno paiz das laranjeiras o urso do norte deixará em paz? Ai que o urso engana-se! Que conte com a vontade do povo portuguez e não com a vontade do rei. Ora o povo portuguez não o pode tolerar mais á sua grande nação.

—Tem estado em Lisboa e sahio hoje para Grandola o eminente republicano Jacintho Nunes, verdadeira illustração do nosso partido.

—Um preso do Limoeiro assassinou ante-hontem a tiros de revolver um seu companheiro de prisão. Estes casos, que se repetem, provam muitissimo a favor da administração d'aquella casa.

Está tudo assim.

Y.

HOTEL CYSNE DO VOUGA

Vae abrir-se no dia 25 do corrente um novo Hotel, sito no melhor local d'esta cidade, central, com excellentes acomodações e que recebeu aquella denominação—HOTEL CYSNE DO VOUGA.

Oxalá que o futuro lhe seja próspero!

E' um estabelecimento bem montado, e que, pela situação pittoresca que desfruta, deve attrahir a concorrência de todos os forasteiros.

Os srs. Manoel Homem de Carvalho e Christo, e Fernando Homem de Carvalho e Christo são os donos do hotel, os quaes pelo seu zelo infatigavel, trabalho assiduo e consciencioso são dignos de louvor. O edificio em que se inaugura esta excellente casa de hospedagem é o mesmo em que em tempo esteve o Hotel do Vouga que foi o melhor estabelecimento d'este genero que Aveiro tem possuido.

Recomendando o novo Hotel aos visitantes e frequentadores d'esta terra temos a certeza que acabamos de fazer uma indicação util.

NOTICIARIO

O artigo sob o titulo de—A Romariado do sr. bispo—que n'outro lugar publicamos, é transcripto do nosso collega A Locomotiva.

Pedimos para elle a attenção dos nossos leitores.

Falleceu em Lisboa um filhinho do nosso amigo e presadissimo collega da Era Nova, Silva-Lisboa.

O enterro foi civil e o acompanhamento compunha-se de mais de dusentos carruagens, que seguiram atraz do feretro até ao cemiterio. A beira da sepultura foi proferido um brilhante discurso pelo nosso correligionario e distincto parlamentar o sr. dr. Arriaga.

Sentimos do coração o golpe que o nosso amigo acaba de soffrer e enviamos-lhe a expressão da nossa dôr por tão infausto acontecimento.

A's justas indignações levantadas pela imprensa de todo o paiz, contra o attentado praticado pelas autoridades de Aveiro no enterramento do cadaver do nosso patricio e infeliz operario Jeronymo Salgado, tambem se associou o nosso presadissimo collega A Republica Federal, jornal que vê a luz da publicidade em Ponta Delgada.

Este nosso collega no seu n.º 131, que acabamos de receber, escreve um vehemente e conceituoso artigo com a epigrapha—A Intolerancia—no qual condemna com verdadeiro criterio, o infamissimo attentado contra a liber-

dade de consciencia, praticado em Aveiro pelos indignos maisins d'um governo despotico e d'uma realisa absoluta.

Agredecemos ao collega o seu valioso protesto, que por absoluta falta de espaço sentimos não poder publicar.

O nosso correligionario e muito digno correspondente em Lisboa da Republica Federal, o sr. Antonio Fortado, na correspondencia com data de 20 de outubro passado, que enviou para aquelle nosso collega, escreveu, como protesto contra o attentado praticado pelas autoridades de Aveiro com o cadaver de Jeronymo Salgado, as seguintes linhas:

«Em Aveiro commetten-se um dos maiores attentados á liberdade de consciencia nos ultimos tempos, apesar de já não ser pequena e bastante ignominiosa a lista dos crimes d'essa natureza praticados pela monarchia constitucional que, com aprazimento do Zê-povinho, nos rege ha 60 annos.

Um operario, por nome Jeronymo Salgado, morreu no dia 30 de setembro, deixando declaração expressa de que o seu corpo fosse enterrado civilmente. Esta declaração estava perfeitamente ao abrigo das leis vigentes; mas a auctoridade administrativa não attendeu a reclamação alguma dos individuos que queriam cumprir as disposições do finado, e manda enfiar, a occultas e acompanhado por quatro policiaes, na servidão que dá para o cemiterio, o cadaver do infeliz operario.

Esta brutalidade estúpida commetteu-a o administrador do concelho de Aveiro, com a annuência do cachetico Mendes Leite, governador civil, e a contento do ministro do reino e d'el-rei nosso senhor! E já lá vão vinte dias, e nenhuma providencia tomou o governo perante o facto de ser calcada vilmente aos pés a lei por uma auctoridade, sua subordinada. Nem tomará. Assim é que a monarchia quer todas as auctoridades: o jesuitismo por um lado e o governo por outro a aplamar aquelle o caminho.

Juntemos o nosso humilde protesto ao de todos os cidadãos que o têm lavrado contra mais esta prepotencia, conquanto os nossos governantes se riam das balas de papel. Mas o nosso protesto será sempre assim manifestado? Não o esperamos.»

Succumbiu ante-hontem n'esta cidade, pela 11 horas da manhã, o sr. Julio Augusto d'Amorim Alvarenga, conductor da repartição districtal de obras publicas d'Aveiro. Era natural de Villa Nova de Gaya e filho de José d'Amorim Alvarenga, mas ha muitos annos que residia em Aveiro aonde casou.

A' familia do finado enviamos os nossos sentimentos, pela irreparavel perda que acaba de soffrer.

Bismarck e Moltke, os dois inimigos da paz e que tanto incommodam a Europa, estão em caminho do tumulo.

O primeiro anda de mau humor, e está muito adoentado. O segundo, o verdadeiro braço direito de Bismarck, tem a saude arruinada e sente-se envelhecer de dia para dia.

A morte d'estas duas raposas politicas é o baque fatal do imperio Alemão.

A Gazeta de Uberaba (Brazil) Envia-nos a seguinte noticia:

«Acaba de instalar-se em Curo Preto um Club Republicano, sendo seu presidente o desembargador Joaquim Caetano da Silva Guimarães, e secretario o dr. A. Casimiro da Moita Pacheco, fazendo parte, alem de outros, o dr. Francisco de Paula Ferreira o Costa.»

E' verdadeiramente horrivel a descripção da catastrophe de Roubaix.

No dia 5 do corrente, pelas 5 horas da tarde, um rapaz de dezeseis annos, empregado na casa Dilles irmãos saiu da loja em direcção á fabrica de fiação, situada na rua da Fabrica da Fiação, subiu a escada do edificio e gritou para o andar superior a fim de que o viessem ajudar a lançar pelo alcapão para a loja uns fardos que era preciso tirar do rez-de-chausse. Desceram duas operarias para o ajudar, elle arremou uns objectos e para ir buscar os volumes de que precisava teve

de mecher n'uma tacha de benzina que com o choque de outro volume se partiu. Como estava um bico de gaz acceso os vapores da benzina inflammaram-se logo e n'um instante o primeiro andar era pasto das chammaes. No segundo andar aonde trabalhavam as mulheres quando se sentiu muito calor e que quizeram fugir já o não poderam fazer. O fogo irrompia já por todos os lados. Não sendo possivel prestar-lhes auxilio, nem se ouvindo mesmo os gritos desesperados que lançavam, umas d'ellas empoleiraram-se no telhado, outras atiraram-se á rua aonde ficaram em pedaços e aquellas que pertendiam descer pela escadaria de madeira sumiam-se ao desabar da escada e dos tabiques.

Morreram onze mulheres e ficaram feridas quatorze, todas entre quinze e vinte annos de idade.

Consta-nos que o padre Rademaker vai fundar em Braga uma associação com o nome de Juventude Catholica.

E' mais um valhaçouto de jesuitas protegido pela monarchia.

Alerta republicanos!

Na Birmania inglesa foi encontrado por uns trabalhadores que andavam cortando um canal para facilitar a comunicação entre Rangoon, Bawemi e outras estações, um galeão portuguez do glorioso tempo das nossas descobertas, XVI seculo. Tem 150 pés de comprimento e deve ter sido da lotação de 250 toneladas. Foi transportado para o museu Phayre, em Rangoon.

Vae partir de França para Africa occidental o naturalista Humblot, encarregado pelo governo francez de explorar, sob o pont de vista botanico e zoologico, as regiões do Gabão, do Ogoó e Congo.

Entrou no quarto anno da sua publicação o nosso collega O Jornal do Povo, de Oliveira d'Azemeis.

Felicitemos o nosso collega pelo seu anniversario e desejamos-lhe muitos annos de vida.

La Voz de Galicia, Jornal hespanhol que se publica em Coruña, felicitou os nossos correligionarios de Lisboa, pela brilhante votação que obtiveram nas ultimas eleições municipaes.

Do Districto de Santarem transcrevemos, sem commentarios, o seguinte:

Velemos a face.—Tinhamos acabado de jantar. De repente entra pela janella da redacção um insecto volante que veio ferir-nos os ouvidos com a seguinte novidade: (!)

«Que n'um estabelecimento caridoso de Santarem, um seu empregado superior havia commettido o crime de estupro na individualidade de uma criança do sexo masculino!»

Estendamos um veu sobre o estranho caso e corramos a fazer a vontade ao nosso estomago que nos está pedindo um calix de cognac.

O poder judicial que faça luz n'este phenomeno, porque nós ficamos indecisos sobre a veracidade d'elle.

Dizem-nos de Coimbra:

Appareceu morto no Choupal, junto á ponte de ferro um alumno do 1.º anno juridico, natural de Trancoso e irmão d'um bom estudante que ainda o anno passado terminou a formatura em Direito, João Abel da Silva Fonseca. Estava deitado de bruços, com um pedaço de um telegramma na mão. Dizem que se envenenou, e que tomou esta resolução desesperada por desgostos de familia. Sobre isto nada se sabe, porem, de positivo.

O enterro foi imensamente concorrido e o cadaver foi conduzido á mão, até ao cemiterio, pelos condiscipulos do desventurado rapaz. A beira da sepultura recitaram-se poesias e discursos.

No dia 11 do corrente, pelas 2 horas da tarde, realisou-se em Madrid a manifestação republicana para celebrar o anniversario da morte do sr. Figueras, primeiro presidente da republica hespanhola. Para esse effeito reuniram-se no Prado mais de 12:000 republicanos, que se dirigiram d'alli ao cemiterio, onde foram proferidos varios discursos.

SUBSCRIÇÃO NACIONAL

MEDALHA JOÃO DE DEUS

SUBSCRIÇÃO AUXILIAR

DO

Diario Nacional

Transporte. 500

(Continua.)

SUBSCRIÇÃO

PARA O MONUMENTO DE

JOSE ESTEVAM

Transporte	915\$670
José Maria	\$200
D. Maria Estrella	\$200
Innocencio Esteves	\$5000
Francisco Amaxoeira	\$200
João Calixto	\$200
Luiz Vinagre Junior	\$120
João de Pinho Vinagre Junior	\$100
Joaquim José dos Prazeres	\$5000
Maria Tanoeira, recobeira	\$120
José Fernandes	\$250
Antonio Pereira Junior	\$500
Antonio Correia Loureiro	\$500
Francisco Baptista Coelho	\$500
Antonio Augusto Mourão	\$500
João Rodrigues da Rocha	\$500
Antonio Trindade	\$500
José Marques de Azevedo	\$3000
João Pinto de Miranda	\$500
Manoel Rebello	\$100
Ignacio Pinto de Miranda	\$100
Camillo Augusto Vieira	\$100
Evaristo Rodrigues da Graça	\$500
Francisco Nunes da Maia	\$200
João Francisco Leitão	\$500
Somma	933\$060

ANNUNCIOS

SINGER!

A MAIS IMPORTANTE COMPANHIA DO MUNDO!

GRANDE NOVIDADE A COMPANHIA FABRIL SINGER

apresenta ao publico um magnifico sortido das suas excellentes e mais modernas



LANÇADEIRA OSCILLANTE

Esta a revolução mais completa que tem havido nas machinas de costura; trabalho facil e perfeito.

O pesponto o mais elastico e o mais perfeito.

Para se convencerem da verdade vinde ás casas abaixo indicadas onde se darão todos os esclarecimentos.

ENSINO GRATIS! CONCERTO GRATIS!

500 reis semenaes, e 10 por cento a dinheiro.

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES COMPANHIA FABRIL SINGER 75, Rua de José Estevão, 79 pegado ao Edificio da caixa Economica AVEIRO

52, Largo da Praça, 53 OVAR N. B. Em Espinho vende-se tambem na casa de Carlos Evaristo Felix da Costa.

HOTEL CYSNE DO VOUGA

HOTEL CYSNE DO VOUGA

PRAÇA DA FRUCTA

AVEIRO

Os proprietarios d'este hotel participam ao publico em geral, que deve abrir-se este novo estabelecimento no proximo domingo 25 do corrente.

O local onde se acha situado, esta nova casa, os elegantes commodos e confortaveis aposentos, a limpeza e promptidão do serviço de cosinha e a modicidade dos preços, tudo recommenda aos viajantes este esplendido hotel.

Os proprietarios encarregam-se de fornecer OVOS-MOLLES e MEXILHÃO, por preços muito rasoaveis.

Tambem estão habilitados a fornecer vinhos de 1.ª qualidade, tanto verde como maduro.

Os proprietarios esperam que todos os viajantes e habitantes d'esta cidade os honrem com a sua visita, porque, quem ali for a primeira vez, decerto voltará, attendendo a affabilidade do tracto e aos preços convidativos.

HOTEL CYSNE DO VOUGA

COMPANHIA

DAS

Messageries Maritimes



(8)

(23)

A Empreza promotora, por contracto com a dita companhia offerece passagem nos magnificos paquetes francezes a sahirem de Lisboa:—GERONDE em 23 de outubro Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Monteviden e Buenos Ayres. CONGO em 8 de novembro, directamente ao Rio de Janeiro, Monteviden e Bueno Ayres.

A mesa de 1.ª classe é commum para os sr.ª passageiros de 2.ª. Tracta-se em AVEIRO, Agencia Central, com PAULO DE SOUSA PEREIRA 48 —RUA DE JOSÉ ESTEVAM—50

OFFICINA DE SERRALHARIA

DE

JOÃO AUGUSTO DE SOUZA

4—Largo da Apresentação—6

EM

AVEIRO

N'esta officina fazem-se portões, grades, lavatorios, fogões, e camas de preço de reis 8\$000 a 1\$400.

Fabrica de Bolacha e Biscoutos

DE

AUGUSTO DA SILVA TEIXEIRA

CONVENTO DA ESTRELLA

COIMBRA

BOLACHA		BISCOITOS	
	Kilo		Kilo
D. Luiz	220 rs.	Limão 1.ª	220 rs.
Franceza 1.ª	230 »	» 2.ª	210 »
» 2.ª	210 »	Canella 1.ª	220 »
Agua e Sal 1.ª	240 »	» 2.ª	190 »
» 2.ª	230 »	Lacinhos	250 »
Leve	210 »	Suissos	400 »
Torrada	240 »	Belgas	320 »
Requife 1.ª	360 »	Paciencias e Marialvas	400 »
» 2.ª	260 »	Linguas de gato	400 »
» 3.ª	220 »	Palitos amendoa 1.ª	360 »
Erva doce	170 »	» 2.ª	320 »
Amores	360 »	Caneia	220 »
Pão de Ló		Limão	240 »
» em fatia torrado		Deliciosas	320 »
Pemzinhos	360 »	Estrellas	400 »
Primores	400 »	Coróas a Camões	320 »
Bolo inglez, duzia	200 »	Marquinhas	320 »
		Pauperios e Bisc. Porto	220 »

N. B.—Os preços acima mencionados não tem desconto.

Venda de casa

Quem quizer comprar uma morada de casas de dois andares, na rua Direita d'esta cidade, falle com o snr. Alfredo Rangel de Quadros, na mesma rua, o qual está encarregado de a vender.

Photographia

DE

JOSÉ BERNARDES DA CRUZ

RUA DIREITA

Tirã-m-se retratos todos os dias das 10 horas da manhã ás 4 da tarde.

AS GUERRAS

DE

NAPOLEÃO 1.º

POR

ERCKMANN-CHATRIAN

Obra Premiada Pela Academia Franceza—Um Fasciculo Semanal de 4 folhas de 8 paginas e duas gravuras 50 réis— Assigna-se no escriptorio da Empreza de Romances Illustrados rua da Fabrica, 66— Porto, e em todas as livrarias e Kiosques.

Accetam-se correspondentes nas diversas terras do reino.

LOTERIA

Para distribuir cerca de

Quatro mil contos de réis!!

PREMIOS MAIORES	FONSECA	PREMIOS MAIORES
1 DE 450 CONTOS		1 DE 270 CONTOS
1 DE 380 CONTOS		1 DE 135 CONTOS

GRANDE LOTERIA DE MADRID

EXTRACÇÃO EM 22 DEZEMBRO DE 1883

CASA FUNDADA EM 1866

O GAMBISTA ANTONIO IGNACIO DA FONSECA, rua do Arsenal, 56 a 64, Lisboa e casas filiaes no Porto, Feira de S. Bento, 33 a 35, e em Braga, rua do Souto, 4 e 4 A, e correspondentes em diversos pontos do paiz, faz sciente ao publico que tem nos seus estabelecimentos variadissimo sortimento para a grande loteria de Madrid, de 22 de dezembro de 1883.

SATISFAZ todos os pedidos, quer sejam para jogo particular como para negocio, com promptidão, vindo os pedidos acompanhados da sua importancia, em vales do correio, ordens sobre Lisboa e Porto, notas dos bancos, sellos do correio ou em outra qualquer especie de prompta liquidação.

AS REMESSAS são feitas pelo correio e quando haja algum extravio o annunciante envia nova remessa.

ESTA LOTERIA é a de maiores premios que se tem feito, e por isso é de receber quem se guardar para os ultimos dias, tenha de pagar grandes agios; no entanto o annunciante garante os seus preços abaixo notados até o dia 19 de dezembro.

OS NUMEROS das centenas dos 4 premios maiores são sempre premiados com 400/000 reis cada um.

TODOS os numeros cuja terminação seja igual á do premio grande, tem o premio de 90/000 reis; quer dizer, cada dez bilhetes tem um premio certo, podendo 10 numeros se, guidos ter certos 41 premios, assim como meia centena, 50 numeros, ter certos 205 premios; e para isto basta que seja comprehendida nos 4 premios maiores.

Os numeros anterior e posterior do 1.º premio tem cada um 9:000/000.

Os numeros anterior e posterior do 2.º premio tem cada um 5:400/000.

Os numeros anterior e posterior do 3.º premio tem cada um 3:600/000.

Os numeros anterior e posterior do 4.º premio tem cada um 2:295/000.

Os premios (aproximados) em moeda portugueza, são:

1 de	450:000\$000 reis
1 de	360:000\$000 reis
1 de	270:000\$000 reis
1 de	135:000\$000 reis
3 de	45:000\$000 reis
5 de	22:500\$000 reis
16 de	9:000\$000 reis
25 de	3:600\$000 reis
2:044 de	440\$000 reis
4:999 de	90\$000 reis
2 aproximações de	9:000\$000 reis
2 aproximações de	5:400\$000 reis
2 aproximações de	3:600\$000 reis
2 aproximações de	2:295\$000 reis
99 aproximações de	440\$000 reis
99 aproximações de	440\$000 reis
99 aproximações de	440\$000 reis
99 aproximações de	440\$000 reis

7.500 premios

PREÇOS

Bilheres inteiros a 92\$000 reis, meios bilhetes a 46\$000 reis, quintos a 18\$400 reis e decimos a 9\$200 reis.

Frações de 4\$800, 3\$300, 2\$400, 2\$000, 1\$500, 1\$200, 1\$000, 600, 480, 240, 200, 150, 120 e 60 reis.

SERIES de 100 numeros seguidos, de 240\$000, 120\$000, 60\$000, 48\$000, 24\$000, 12\$000 e 6\$000 reis.

SERIES de 50 numeros seguidos, de 120\$000, 60\$000, 24\$000, 12\$000, 6\$000 e 3\$000 reis.

SERIES de 10 numeros seguidos, de 48\$000, 30\$000, 24\$000, 12\$000, 6\$000, 3\$000, 1\$200 e 600 reis.

GRANDE variedade e quantidade em numeros. O GAMBISTA FONSECA está bem sortido e lembra aos afastados do jogo de loterias que não deixem de jogar na grande loteria.

O GAMBISTA FONSECA satisfaz todos os premios, que tenha a fortuna de vender nas suas casas, á chegada da lista geral, que deve ser no dia 25.

GRANDE palpite em repartir os melhores premios!! PEDIDOS, acompanhados de suas importancias, ao cambista

Antonio Ignacio da Fonseca.

LISBOA

PORTO

BRAGA